

Port 6181.41









Ramos-Cachão

88

---

# À ILHA DA MADEIRA



LISBOA  
EMPREZA DO «OCCIDENTE»  
1898

Port 6181.41

HARVARD COLLEGE LIBRARY  
COUNT OF SANTA EULALIA  
COLLECTION  
GIFT OF  
JOHN E. STETSON, JR.

Sc. 25 1922



## À ILHA DA MADEIRA

Ao manta que do mar tempestuoso  
Vem dos baldões asperrimos cansado,  
Tu te mostras, ó ilha feiticeira,  
Como, depois de sonno fadigoso  
    De horriveis pezadellos,  
    Um dia delicioso,  
Todo alegria e festa e raios bellos,  
Um claro dia pelo sol doirado.

Se isto é hoje d'est'arte,  
O que seria d'antes,  
Quando te desvendaste a vez primeira  
Da nevoa e do mysterio em grande parte  
À vista dos pasmados navegantes !  
Que, não bastando ainda estar perdida  
    No meio do oceano,  
Por seculos dos homens escondida  
    Em recondito arcano,  
Tu, qual donzella candida e medrosa,  
    Que do banho sahisse,  
    E a nudez, vergonhosa,  
    De alvo cendal cobrisse,  
Em manto de neblina te embuçavas :

E até do mar, que ás plantas te gemia,  
E até do proprio sol, que te queria,  
A virgem formosura recatavas.

Porém chegou o dia  
Pelo Eterno marcado,  
Em que, apezar d'esquiva,  
Te rendeste captiva  
Do sol da nossa gloria á viva chamma,  
    Ao generoso brado  
Do grande Henrique de perpetua fama,  
Quando, assim como do Sinai o monte,  
Sagres de raios corou a fronte,  
    E, desmedido pharo,  
    Ao marinheiro ignaro  
Fez dissipar as trevas do horizonte.

Pandas as brancas velas,  
Atravessadas pela cruz de Christo,  
    Eis no liquido argento  
As fortes, portuguezas caravellas  
Correm ao sopro do inconstante vento.  
Assim na edade-media a Europa ha visto,  
Assignalados por igual emblema,  
    Passarem os guerreiros  
Á Asia, para em rabido combate  
    De annos e annos inteiros  
Dar ao sagrado tumulo o resgate.  
    É o mesmo o nosso thema:  
A fé; tambem o oriente procuramos,  
E, como elles, tambem a amiga espada,  
A par da cruz, intrepidos levamos  
    A uma outra cruzada.

Ruem os furacões; troam os ares;  
É plumbeo o céo; das lobregas entranhas,  
    Quaes liquidas montanhas,  
Volvem-se em desespero os torvos mares.  
    Pelas ondas corridos,  
Os pequenos baixeiis tragam a morte,  
    Já quasi submergidos;  
Porém não desanima a gente forte.

Invoca a soberana potestade,  
Que a protege de ha muito, e a praia ignota,  
Na escura cerração da tempestade,  
Compadecida, lhe dirige a rota.

Alçando as mãos a Deus, inda molhadas  
Das ondas salitrosas,  
A marítima turba lh'agradece  
As terras deparadas,  
As vidas tanto a pique assim poupadas,  
Com palavras piedosas,  
E murmura esta prece :

Senhor, se, como outrora do teu povo  
Os passos pelo ermo encaminhaste,  
A este porto santo nos guiaste,  
Dá-nos, dá-nos ainda um signal novo,  
Outro maior signal de teus favores ;  
Teus filhos tambem somos ;  
Ás asperas fadigas,  
Ao bravo pégo, ás armas inimigas  
Por ti só, pela patria nos expomos ;  
Faze que esta primeira descoberta,  
Que o dom d'esta ilha esteril e deserta  
Seja seguido d'outros dons melhores.

Dizem; abaixam da cerulea altura  
Os olhos ; e, ao baixal-os, de repente  
Vêem longe sahir de nevoa escura,  
Que mais e mais se torna transparente,  
Uma visão da phantazia ardente ?  
De um monte a sobranceira catadura ?

Eia; ao mar; o Senhor nos presta ouvidos ;  
Temos fé que é verdade essa apparencia,  
Não devaneio apenas dos sentidos.  
É da sua clemencia  
Quem sabe se o signal ; ao mar corramos.  
Bradam ; soltam ao vento a larga vela ;

Já chegam; já de todo a alva neblina  
 Aqui, ali, se esvae ou se adelgaça,  
 E mostra, meio occultos, com mais graça,  
 Flores, verdura, emmaranhados ramos,  
 Uma terra tão bella,  
 Que mais semelha apparição divina,  
 Ou cahida do céo fulgida estrella.

Assim aos denodados portuguezes  
 Appareceste, ó ilha da Madeira,<sup>1</sup>  
 Para os avigorares nos revezes;  
 Assim aos olhos de Noé outrora,  
 Depois das grandes aguas,  
 Appareceu o arco da aliança,  
 Entre elle e Deus, o iris da bonança,  
 Que do diluvio o confortou nas maguas.  
 Sim, tu foste a esperança,  
 Que Deus, á nossa empreza favoravel,  
 Nos amostrou para nos dar alentos,  
 E, atravez do luctar dos elementos,  
 Cumprirmos nosso fado incomparavel.  
 D'aqui, cheios de arrojo, nós partimos,  
 E d'Asia, e d'Africa e do Novo Mundo  
 Em grande parte as plagas descobrimos,  
 E pelo pégo fundo  
 Em roda o globo co'os baixeiis medimos.

Como és bella! Da Grecia conhecida,  
 Tu serias de Venus a morada,  
 Ou fóra, ao ver-te assim do mar sahida,  
 A nascença de Venus fabulada.  
 Ficara a téla dos Jardins d'Armida,  
 Sendo feita por ti, mais bem pintada,  
 E a descripção da Ilha dos Amores  
 Realçariam mais os teus primores.

<sup>1</sup> Só por conveniencia poetica se tornou aqui immediatamente sucessivo ao descobrimento da Ilha de Porto Santo e da Ilha da Madeira, quando, segundo a opinião mais assente, foram distanciados um do outro pelo espaço de algumas mezes, se não de um anno.

Todos, á uma, os povos te namoram;  
 Mas a todos te mostras insensivel.  
 Embalde os filhos de Albion te exoram,  
 Te chamam Flor do Oceano immarcescivel.  
 Nossos antigos os primeiros foram;  
 Por outrem nos deixar não te é possivel.  
 Do céo, dos mares e de Deus a face  
 De nós contigo se firmou o enlace.

Por seres tão fiel, tão portugueza  
 Mais ainda te estimo, ilha formosa;  
 Mas por laço diverso anda a ti presa  
 Minhalma: da existencia trabalhosa  
 Com risos esmaltaste-me a tristeza,  
 Na quadra, embora amarga, descuidosa  
 Da passada, inexperta juventude,  
 Quando uns dias viver em ti eu pude.

E agora que de ti me tem distante  
 O logar e dos annos a carreira,  
 Phantaziu-te ainda mais brilhante,  
 Vejo-te mais ainda feiticeira,  
 Que me recorda teu florir constante  
 A minha primavera passageira,  
 A minha tão querida mocidade,  
 E és para mim um echo, uma saudade.

Lisboa — 1896.











